



HOMOFOBIA E O DESAFIO DO SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: O EMBATE ENTRE A DEFESA ÉTICO-POLÍTICA E O AVANÇO NEOCONSERVADOR NOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Paulo Wescley Maia Pinheiro¹
Renata Gomes da Costa²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre as problemáticas e polêmicas atinentes entre a construção e defesas ético-políticas da profissão de Serviço Social e sua fundamentação dentro da academia no âmbito da formação profissional em confronto com o avanço do pensamento neoconservador que se alicerça em diversos elementos e arregimenta em posicionamentos discriminatórios e preconceituosos. Esse trabalho faz parte da pesquisa em desenvolvimento no curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da UECE. A necessidade em se pautar essa problemática para a profissão de Serviço Social, diz respeito ao fato desta discutir e negar os valores conservadores, que fundamentam a homofobia, o sexismo e o machismo, através de seu projeto ético-político.

Palavras- chaves: Serviço Social; Homofobia; Formação Profissional

1.Introdução

As metamorfoses da sociabilidade contemporânea e seus rebatimentos mais diversos são questões onde tem se concentrado boa parte da atenção das principais reflexões e estudos referentes aos desafios recorrentes da profissão de Serviço Social. Essas temáticas são demandas oriundas de aspectos universais do arcabouço social e não estão distantes dos dilemas que permanecem na ordem do dia.

Disputas, cisões e debates acalorados são corriqueiramente exercidos por diferentes grupos da sociedade onde se encontram aqueles privilegiados pelo modo de

¹ Mestrando em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista do Programa de Demanda Social (CAPES).

² Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista do Programa de Demanda Social (CAPES), pesquisadora do Grupo relações ético-raciais: cultura e sociedade.

vida atual e aqueles que almejam mudanças em busca de cessar às diversas desigualdades da sociedade marcada pelo caráter classista, racista e machista. Isso se expressa no contexto da reprodução social em várias esferas, propagando-se nos projetos profissionais, nos partidos políticos, na mídia, nas escolas, nas religiões, entre outros espaços, formatos e instituições.

O Serviço Social como uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho tem seus parâmetros interventivos como produtos históricos, uma vez que dependem do grau de maturação e das formas assumidas pelos embates da classe subalterna com o bloco do poder no trato das questões frutos da relação capital-trabalho.

Entender as particularidades e os desafios contemporâneos da profissão de Serviço Social é adentrar nesse capcioso conjunto de fatores, reunindo ainda suas especificidades técnicas, teóricas e metodológicas, sua construção ético-política e os embates ao longo do processo histórico que sintetizaram as suas condições atuais, com o difícil diálogo entre as dimensões coletivas da categoria, a realidade dos campos de formação e atuação profissional e os valores hegemônicos propagados por toda a sociedade em suas diversas formas e linguagens.

Temos aqui uma conjuntura peculiar que emerge numa perspectiva desafiadora desde o plano universal da problemática até as particularidades presenciadas no cotidiano da formação acadêmica, onde os postulados das diretrizes curriculares passam por problemas diversos em sua efetivação, seja em decorrência do quadro político-econômico do estado brasileiro e sua contra-reforma da educação superior, mas também em um plano particular, com o crescimento dos questionamentos morais das defesas ético-políticas da profissão, sobretudo na colisão dos valores das/dos estudantes em relação ao debate da diversidade sexual, debate em que buscamos nos concentrar nesse texto.

Esse trabalho é fruto parcial da pesquisa que tem por objetivo analisar e aprofundar as reflexões sobre o impacto do avanço do pensamento neoconservador no serviço social, enfocando nas reflexões a incidência do caráter religioso nas percepções ético-políticas e teórico-metodológicas na formação profissional dos (as) estudantes.

2. O projeto ético-político, a formação profissional e o combate a homofobia

A sustentação do *status quo* finca suas bases na exploração da classe trabalhadora e em valores que reproduzem as diferentes opressões, em que se

materializam desde a desigualdade social promulgada pela pobreza, miséria absoluta, desemprego, em meio a outras questões, como a violência, tanto em nível estrutural, como cultural e social, atingindo sujeitos historicamente discriminados como mulheres, negros (as), homossexuais, etc.

Esse processo de reflexão no interior da profissão, que se encontra na faixa de mediação entre as duas classes antagônicas do modo de produção capitalista, partiu do princípio de que será através de uma escolha ideológica, teórica, política e ética que se dará as diretrizes da atuação profissional. É esse o maior desafio dessas redefinições e do processo de formação profissional: delimitar sua forma de agir, instrumentalizar-se tecnicamente, mas saber especificamente qual a posição política neste contexto antagônico (IAMAMOTO, 1998).

O projeto profissional coaduna elementos que estão imersos nas determinações estruturais, mas podem se afirmar como trincheira que negue estas, ou seja, um projeto profissional que tenha como horizonte um projeto de sociedade distinto ao que está posto, questionando os valores dispostos, tal como se buscou construir na profissão de Serviço Social nas últimas décadas.

Significa dizer que o projeto ético-político da profissão de Serviço Social se encontra na contra-corrente dos valores que buscam a reprodução das diversas desigualdades da sociedade contemporânea, isto é, possui uma construção clara que vai de encontro com os preceitos que tem como finalidade a conservação de toda forma de opressão, ou seja:

No que se refere ao Projeto Ético-Político do Serviço Social, podemos afirmar que ele se coloca na contra-mão do projeto societário ora hegemônico em nossa sociedade. Há um conjunto de lutas que já foram enfrentadas e outras que se tecem no tempo presente. Frente a elas, o protagonismo das entidades representativas da categoria, com sua orientação política, sinaliza um horizonte de crítica e resistência ao projeto neoliberal. (MESQUITA; SILVANA; RAMOS; 2001, p.09)

Todos os âmbitos da vida social são imbricados nas determinações da estrutura social, num jogo de produção e reprodução de fundamentos que pressupõem desde as condições de trabalho das mais diferentes profissões, a lógica do estado e suas atribuições, a conservação ou enfrentamento das díspares opressões e também as escolhas, costumes e valores individuais e coletivos.

A profissão é produto histórico das mudanças econômicas, sociais e políticas, de tal modo é obrigada a se redefinir a partir de novos paradigmas criados na sociedade.

Dessa maneira, o processo de reconceituação do serviço social brasileiro³ significou uma recomposição no âmbito profissional, trazendo aspectos de caráter reflexivo e crítico ante a mera técnica de outrora que escondia o viés conservador da prática.

Assim sendo, na tentativa de se pautar os valores conservadores que influenciam a formação profissional temos que sinalizar a história do serviço social, uma vez que sua profissionalização foi marcada pela influência católica que moldou a prática profissional no período das protoformas e posteriormente nos primeiros momentos do movimento de reconceituação profissional.

O início do paulatino movimento que buscava problematizar essas questões foi caracterizado pelo desejo de suplantar o serviço social tradicional de uma forma restrita, caracterizando como uma cópia dos modelos da Europa e dos Estados Unidos e uma adequação dos mesmos a realidade latina, sendo este desejo assinalado pelo subdesenvolvimento e dependência externa (NETTO, 1991).

Esse panorama demonstrava uma possível abertura para uma imbricação entre as duas vertentes (neotomismo e funcionalismo⁴), pois se já existia uma abordagem teórica norte-americana que era acrítica e justificava a ordem social, a Igreja Católica, por sua vez, inserida em um novo momento histórico, estava interessada em não deixar de participar politicamente das decisões no seio social buscando novas metodologias e espaços (ibidem).

Em 1965, e posteriormente em 1975, há uma modernização e adequação às novas demandas, mas permanecendo os preceitos regimentais com valores não condizentes com a criticidade atual, uma vez que os dogmas cristãos configuravam o ethos profissionnal, segundo Barroco (2007):

Os pressupostos neotomistas e positivistas fundamentam os Códigos de Ética Profissional, no Brasil, de 1948 e 1975. Em 1948, a ação profissional é claramente subordinada à intenção ético-moral dos seus agentes, entendida como uma decorrência natural da fé religiosa (p.96)

Não obstante, as alterações ocorreram e o processo histórico trouxe novas conjecturas para o serviço social. Os argumentos abordados acima denotam o

³ Chamamos de movimento de reconceituação o processo em que o serviço social questionou seus parâmetros teóricos, éticos e metodológicos. Esse momento é sinalizado por Netto (1991) a partir de três perspectivas: modernização conservadora; reatualização do conservadorismo; intenção de ruptura.

⁴ Netto (1991) trata dessa questão ao explicitar sobre a perspectiva modernizada, ao expor sobre os dois documentos, Araxá e Teresópolis, assinalando que neste último a categoria se apropria do funcionalismo, corrente das ciências sociais, para traçar sua metodologia interventiva, no entanto apresentava-se ainda com resquícios do documento de Araxá que abalizava o fazer profissional pelo neotomismo.

emaranhado de posições contraditórias e questionáveis construídas dentro da profissão, perpassando sua gênese, chegando aos referenciais teóricos e sendo notificada na ponta da estrutura: a prática profissional e o cotidiano dos (as) usuários (as).

Dessa forma, é necessário sinalizar que as mudanças não ocorreram em uma linha cronológica fechada. As ações profissionais e os posicionamentos éticos são oriundos da correlação de força que se dá entre as diferentes visões de mundo dentro da categoria, aliando-se à síntese destes fatores com a conjuntura da época e as transformações da mesma. Daí passa a surgir a necessidade do rompimento com o *ethos* tradicional se aproximando do referencial marxista a fim de embasar as provocações vindas das condições objetivas (NETTO, 1991).

A aproximação com o marxismo deu-se por meio dessa trajetória histórica cheia de elementos ricos para uma análise mais aprofundada, desaguardo na chamada “Intenção de Ruptura”, o que embasou a construção de valores que afirmavam a defesa intransigente dos direitos humanos, da liberdade, do combate aos preconceitos, a discriminação e a injustiça social, pressupostos que ficam evidentes no código de ética de 1993.

Esse processo se define como algo perene e com um caráter absolutamente desafiador, sobretudo, com a percepção inequívoca da trajetória histórica da profissão e das questões da conjuntura atual, que revelam o fôlego desse pensamento que chamamos de conservador, recheado de significados estreitos à intolerância, ao machismo, à homofobia, ao racismo, entre outros “desvalores” que entram em choque com a perspectiva atual da profissão.

Os valores éticos e morais permeiam tanto as relações individuais dentro do campo profissional, como são elementos centrais na correlação de forças dentro da esfera social mais vasta. Seus significados, consensos ou dissensos se modificam de acordo com as condições objetivas e com os fatos ocorridos ao longo do processo histórico.

No conjunto da categoria dos (das) assistentes sociais preocupar-se com todas essas temáticas tornou-se mais que salutar, revelando uma pujante discussão sobre os impactos dessas problemáticas no fazer profissional, na formação acadêmica e nas indagações sobre a defesa dos direcionamentos políticos da profissão.

Assim, as corriqueiras discussões atinentes às mais diferentes questões como a suposta crise de hegemonia do projeto ético-político, das precárias condições de trabalho, do avanço do ensino a distância e da teoria pós-moderna no campo da

formação profissional, entre outros elementos, não são tópicos isolados desse bojo maior que são as consequências advindas dos mecanismos de manutenção do sistema capitalista. Como coloca Barroco (2011) ao falar da tessitura entre as questões da profissão e a “barbárie” que se alastra no cotidiano de todos, percebe-se que:

A reatualização do conservadorismo é favorecida pela precarização das condições de trabalho e da formação profissional, pela falta de preparo técnico e teórico, pela fragilização de uma consciência crítica e política, o que pode motivar a busca de respostas pragmáticas e irracionais, a incorporação de técnicas aparentemente úteis em um contexto fragmentário e imediatista. A categoria não está imune aos processos de alienação, à influência do medo social, à violência, em suas formas subjetivas e objetivas. Isso coloca um imenso desafio ao projeto ético-político, na medida em que a sua viabilização não depende apenas da intencionalidade dos profissionais, tendo em vista as suas determinações objetivas, nem se resolve individualmente. Além disso, não podemos ignorar que o conservadorismo tem raízes históricas na profissão: para parcela da categoria, trata-se de uma opção política conscientemente adotada. Nesse sentido, a conjuntura pode favorecer a sua reatualização, sob novas roupagens e demandas. (ibidem, p. 212-213)

A partir disso, fica claro que todas essas questões, além de serem resultados dessa dinâmica entre as demandas sociais e as particularidades da profissão, não se configuram fechadas e absolutamente superadas, mas sim num processo de desconstrução e reconstrução perene.

Nesse contexto, a criticidade dos pilares que fundamentam a profissão corroboram com o combate radical aos preconceitos das mais diversas ordens em colisão direta à percepção conservadora e afirmando a defesa dos direitos humanos revelados nas diretrizes curriculares da formação e no código de ética profissional de 1993 que preconiza a liberdade como valor ético central.

Essas discussões políticas da categoria se materializam ainda mais claramente num sentido progressista das resoluções do Conselho Federal de Serviço Social na última década, com medidas que garantem essa ótica com sentido anti-machista e anti-homofóbico, como na resolução de número 489 de 03 de junho de 2006, estabelecendo normas que vedam condutas discriminatórias ou preconceituosas, por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício profissional do assistente social; na resolução 594 de 21 de janeiro de 2011, que altera o Código de Ética do assistente social, aprimorando questões formais, gramaticais e conceituais em seu texto e garantindo a linguagem de gênero de maneira igualitária e ainda a resolução 615 de 8

de setembro de 2011 que dispõe sobre a inclusão e uso do nome social das assistentes sociais travestis e dos (as) assistentes sociais transexuais nos documentos de identidade profissional.

Percebendo esses episódios, somando-os com o fato da trajetória histórica da profissão ter, em boa parte do percurso, uma estreita ligação com os fundamentos religiosos, e notando que o debate sobre os rumos do projeto ético-político profissional frente aos desafios contemporâneos protagoniza as discussões no interior da categoria, constatamos uma temática fundamental a ser estudada dentro do aspecto da formação profissional, nos dando elementos para perceber como se atravessam esses fenômenos mais amplos da sociedade com as dimensões específicas da profissão.

3. O neoconservadorismo como fenômeno do tradicional metamorfoseado na profissão

No curso de Serviço Social, ao passo que temos em mãos um arcabouço teórico amplamente trabalhado referendando uma visão crítica e emancipatória, com discussões políticas sublinhando temáticas referentes aos direitos humanos, preconceitos, opressões e a luta perene das classes subalternizadas frente à classe hegemônica, presenciávamos corriqueiramente questionamentos entre as/os colegas estudantes que admitiam não concordar com boa parte dos pressupostos teóricos e éticos, alegando que iam de encontro aos seus valores pessoais, sobretudo quando eram debatidos temas como legalização do aborto, preconceito contra homossexuais, redução da maioria penal, entre outros.

No plano político e ideológico, o quadro atual desponta o protagonismo dos valores consumistas e individualistas, além de propiciar o fortalecimento dos setores mais conservadores nos âmbitos morais, econômicos e da política formal, que visam minar quaisquer das intenções de superação sejam das consequências coevas, sejam das opressões mais arcaicas e proverbiais, onde:

O neoconservadorismo busca legitimação pela repressão dos trabalhadores ou pela criminalização dos movimentos sociais, da pobreza e da militarização da vida cotidiana. Essas formas de repressão implicam violência contra o *outro*, e todas são mediadas moralmente, em diferentes graus, na medida em que se objetiva a negação do *outro*: quando o *outro* é discriminado *lhe é negado o direito de existir como tal ou de existir com as suas diferenças.*(BARROCO, 2011, p.209)

O periclitante quadro que se avista no contra-ataque conservador de ordem ideológica e nas contra-reformas do estado neoliberal em tempos de crise do capital, referencia o ensejo imperativo de que, na presente situação, a luta por direitos é inexorável para a continuidade do embate contra-hegemônico em busca de outra sociabilidade.

Nesse contexto, exemplos não faltam dos choques ideológicos e políticos, a saber: movimentos de trabalhadores rurais em defesa da reforma agrária em atrito com os interesses do agronegócio e dos latifundiários; movimentos de estudantes que buscam minar a expansão do ensino superior precarizado e mercantilizado frente ao *lobby* político das grandes instituições que disputam essa fatia de mercado; grupos dos movimentos em defesa da diversidade sexual que lutam pela criminalização da homofobia; movimento feminista que discute a criminalização do aborto e a violência contra a mulher frente aos mecanismos que espalham a visão moralista dos setores de extrema direita.

Esse conjunto de “polêmicas” tem uma base material implacável, mas ganha contorno ainda mais espetacularizado a partir do protagonismo, cada vez maior, dos produtos provenientes dessas transformações do mercado e do modelo de consumo, como o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação de massa.

No caso dos valores conservadores, referenciados à homofobia, por exemplo, o caráter religioso aparece como um catalisador do tradicional metamorfoseado, ganhando força com o crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais e, dentro da igreja católica, com o movimento de renovação carismática, setores que visam dar esse viés ortodoxo no âmbito dos estigmas socialmente construídos, utilizando de novas linguagens e estratégias, por meio da publicidade, da mídia, dos produtos culturais mais diversos e da participação política e intervenção nas leis estatais.

Nesse emaranhado de elementos, o serviço social apresenta-se como uma profissão que discute e nega esses valores conservadores. No entanto, o processo de maturação desse debate e dos pressupostos ético-políticos que regem a profissão não se construiu de maneira instantânea, nem se caracteriza como algo trivial para se materializar, uma vez que os (as) profissionais são influenciados por esse modelo de sociedade que apregoa tais valores.

Iamamoto (2007) propõe em suas análises que as pesquisas científicas desvendem os espaços sócio-ocupacionais, as relações e condições de trabalho, bem como o estatuto teórico-metodológico e ético-político adotado pelo (a) profissional,

como elementos de suma importância para se refletir o Serviço Social e os seus paradigmas atuais. Essas dimensões essenciais se juntam às indagações num plano intrínseco que também se torna crucial focalizar: o campo da formação profissional.

Essa dimensão aparece como um elemento categórico para as reflexões e análises das condições de como se apresentam as provocações do presente, além de propiciar um quadro substancial dos desafiantes rudimentos vindouros para a profissão, com relação à afirmação de seus postulados teóricos-metodológicos e ético-políticos.

Atualmente, a formação acadêmica é perpassada por disciplinas que abordam a natureza, a história e o embasamento teórico-metodológico da profissão, bem como a dimensão ética da mesma, como os princípios e valores que norteiam o fazer profissional. Esse aparato é de uma acuidade central, por tratar de questionar valores sociais considerados cristalizados e tidos corretos ao longo da história, abrindo caminho para se pautar as opressões vivenciadas por inúmeros sujeitos que acessam aos serviços prestados pelas instituições nas quais intervém os (as) assistentes sociais.

Obviamente que dentro de um parco bloco de fatores como o aligeiramento da formação, a precarização e mercantilização do ensino superior, o produtivismo acadêmico e a percepção da teoria marxista de forma vulgarizada, as questões sobre os valores religiosos não tornam-se tão evidente como uma das peças importantes para o entendimento do avanço do conservadorismo sobre novas roupagens, mas é exatamente por isso que não pode ser esquecido dentro desse processo.

A partir dessas constatações históricas e das indagações de Barroco (2011) quanto ao aprofundamento da “barbárie” e do “neoconservadorismo” na contemporaneidade, entendemos o quanto é necessário um estudo que aprofunde as reflexões sobre tais questões, apreendendo como de fato ocorre, dentro do âmbito da formação profissional, o diálogo entre os valores individuais dos (as) estudantes de Serviço Social com as proposições das diretrizes curriculares do curso.

4. Considerações Finais

Fica evidente que a circunspeção analítica quando abordamos o tema do conservadorismo e da homofobia na contemporaneidade, dentro e fora do serviço social, revela-se como um fator importante, quando surgem os diálogos entre as categorias e conceitos retratando uma possível direção argumentativa que clarifica a necessidade de

perene problematização dos impactos dessas questões por meio dos diferentes fatores de exacerbação ideológica da sociedade capitalista e patriarcal.

A importância dessa problemática não se define nem como início, nem como fim desse fenômeno do avanço do conservadorismo, mas como uma integrante e fundamental peça da complexa engrenagem que é a sociabilidade contemporânea, marcada por um encadeamento de fenômenos distintos, mas que se rebatem na exacerbação das contradições basilares da estrutura social.

Os anseios desse estudo estão vinculados à necessidade imperativa de colaborar com a construção das reflexões sobre as direções assumidas dentro da formação acadêmica e da prática profissional do Serviço Social, buscando contribuir com o aprofundamento dessas questões, apresentando discussões críticas e empenhadas em desenvolver o quadro atual dos desafios da profissão, a fim de afirmar o caráter ético-político comprometido com o processo de trabalho estreito aos anseios da classe trabalhadora, da garantia dos direitos sociais, do respeito às diferenças, da busca pela superação de todas as opressões e da construção de uma sociabilidade calcada em valores emancipatórios para todo o gênero humano.

5. Referência Bibliográfica

ABREU, Marina M.; LOPES, Josefa B. Formação profissional e diretrizes curriculares. **Inscrita**, Brasília, n.10, CFESS, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social. Fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2004. n. 79.

_____. Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 106, p. 205-218, abr./jun. 2011

BRAZ, Marcelo. A hegemonia em xeque: projeto ético-político do Serviço Social e seus elementos constitutivos. **Inscrita**, Brasília, ano VII, n. X, CFESS, nov. de 2007.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. Brasília: CFESS, 1993.

_____. **Lei 8.662/93**. Brasília: CFESS, 1993.

_____. **Resolução nº 489**. Publicado no DOU de 03 de junho de 2006.

_____. **Resolução nº 594**. Publicado no DOU de 21 de janeiro de 2011.

_____. **Resolução nº 615**. Publicado no DOU de 8 de setembro de 2011.

GALDINO, D. Religião, mídia e entretenimento: o culto “tecnofun”. **Estudos de Religião**. 2004, p. 24-52.

GUERRA, Iolanda. O projeto profissional crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional. **Serviço Social & Sociedade**. Ano XXVIII, n. 91. São Paulo: Cortez, 2007.

HARRIS, Sam. **A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão**. Tradução de Cláudio Carina e Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

IAMAMOTO, Maria Villela. Sociabilidade capitalista, questão social e Serviço Social. In: **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 155-172.

_____. **Renovação e conservadorismo: ensaios críticos**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

MESQUITA, M; RAMOS,R,S; SANTOS, S, M, M. Contribuições à crítica do preconceito no debate do Serviço Social. **Presença Ética**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Ano I, Nº 1, Recife: Unipress, 2001.

MINAYO, Maria Cecília. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. In: **Caderno de Saúde Pública**. vol. 10. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500002> Acesso em: 14 maio 2011.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 2 ed. São Paulo, Cortez,

_____. **A conjuntura brasileira: o Serviço Social posto à prova**. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2004. n. 79

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e emancipação humana**. (Tese de Doutorado em Educação). UNESP, Marília: 2001.